

Projetos ganharão precisão matemática

“Óia o sururuuuu freeesco!”. O grito que ecoa em ruas de Maceió desde tempos anteriores ao carnaval da famosa Nêga Jujú é parte de um pirão socioeconômico, com toda farinha cultural e tempero culinário de dar água na boca e fazer lamber os beijos. Da raiz na terra ao umbigo na lama, as lagoas têm uma das mais eficientes e democráticas fontes de proteína animal que se tem notícia na terra do poeta Jorge de Lima, que bem lembrou à Serra da Barriga: “Mundaú te lambeu! Mundaú te lambeu!”.

Mergulhado em meio à exuberância lagunar, ou melhor, atolado em suas entranhas, existe um rei desta riqueza alimentar. O sururu recolhido em Alagoas representa 22% de toda a produção nacional, de acordo com o último levantamento da Estatística de Pesca do Brasil, realizado pelo governo federal.

Essa produção que alcançava mais de 500 toneladas por ano só nas lagoas Mundaú, Mangueira e do Roteiro, hoje não chega a menos da metade. O último levantamento sério realizado aponta a produção de 276 toneladas em 2007, mas os números só minguaram, estação após estação. Entre os anos 2010 e 2011, o sururu praticamente desapareceu, obrigando Alagoas a importá-lo de Sergipe.

Essa fonte de energia composta tanto pelo sururu como por peixes, mariscos, crustáceos, algas, vegetais e diversas espécies

existentes nas lagoas mobilizou o Exército dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Diante da grande oferta de alimentos concentrada num local de fácil acesso e distribuição, os ianques decidiram investir naquele ponto do Litoral do Nordeste do Brasil para produzir e escoar alimentação para tropas aliadas em vários *fronts* do planeta.

O projeto apresentado pela Secretaria de Agricultura com o CTEC enfatiza que o desequilíbrio ambiental afeta diretamente 350 mil pessoas que moram no entorno das lagoas, principalmente os mais de 5 mil pescadores cadastrados. O secretário Álvaro Vasconcelos explica que o monitoramento via satélite com modelagem matemática vai identificar vários fatores para implantar o plano de ações de resgate da produtividade do pescado, principalmente do sururu.

EXATIDÃO

Para Vasconcelos, o momento é propício para iniciar o projeto, que já tem o aval do ministério e pode conseguir financiamento de instituições internacionais para ser posto em prática ainda este ano.

Com todos os dados monitorados em tempo real, será possível localizar com precisão matemática as áreas onde pode haver uma produção maior de sururu, por exemplo, bem como identificar pontos para o desassoreamento da lagoa. “A gente pode

saber com exatidão qual o gargalo maior, o que está provocando o problema e combater suas causas. Também vamos identificar onde existe maior contaminação e buscar soluções concretas para combater o problema”, afirma o secretário.

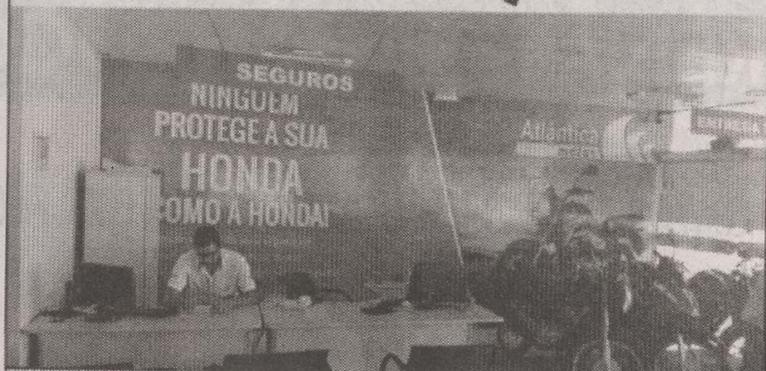
O professor Williams Batista destaca que o serviço oferecido pelo satélite francês não traz custos para o Estado. “Com esse projeto, a gente vai ter informações instantâneas, mas também podemos utilizar dados capturados em anos anteriores para fazer os estudos e a modelagem matemática”, explica.

É a ciência a serviço da esperança. Papa Francisco, por inspiração divina, lançou a encíclica “Louvado Seja”, já alertando sobre os cuidados que devemos

ter com a nossa casa comum, com lições como esta do trecho extraído no parágrafo abaixo:

“Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”. **MG**

ADESIVAÇÃO



castelobranco
COMUNICAÇÃO

3327-5858/99983-2146

AV. BRASIL, 300 - POÇO